



V Congresso Internacional de Educação- Interdisciplinaridade e transversalidade : Movimentos, desafios e (ins) urgências da Educação

A MULHER INDIGENA TERENA, OS DESAFIOS E AS DIFICULDADES ENFRENTADAS NA UNIVERSIDADE. RELATO DE EXPERIÊNCIA DE DUAS ACADÊMICAS.

Jeane Martins Reginaldo Barros¹
UFMS/CPAQ

jeane89samuel@gmail.com

Samara Corrêa Dias²

samaratamara19@gmail.com

UFMS/CPAQ

Fátima Cristina Duarte Ferreira Cunha³

UFMS/CPAQ

fatima.cunha@ufms.br

RESUMO

O presente artigo pretende retratar os desafios e as dificuldades que nós mulheres indígenas, da etnia Terena, enfrentamos ao ingressar na Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana. Para tanto fazemos um relato de nossa experiência, enquanto acadêmicas do curso de Pedagogia, retratamos o nosso dia a dia, as dificuldades encontradas para ir até a faculdade que são muitas: estrada de chão, sem asfalto, muita areia e poeira pelo caminho, ônibus que se quebra no caminho de ida ou de volta, momentos em que os acadêmicos tem que aguardar alguém para ir auxiliar e chegar em casa. Apresentamos ainda o sistema de cotas, que muito nos auxiliam, pois afinal de contas, temos algumas despesas. Concluímos que os desafios e as dificuldades

¹ Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal de MS/Campus de Aquidauana - 2021/2024.

² Acadêmica do Curso de Licenciatura Plena em Pedagogia, pela Universidade Federal de MS/Campus de Aquidauana.

³ Professora Orientadora. Universidade Federal de MS/Campus de Aquidauana

enfrentadas são praticamente iguais, muito tempo fora de casa, filhos aguardando na casa de parentes e o que nos f
certo. Vamos dar retorno a nos
estamos no caminho
entos adquiridos.

Palavras-chave: Mulher Indígena. Universidade. Relato de Experiência.

ABSTRACT

This article aims to portray the challenges and difficulties that we indigenous women, from the Terena ethnic group, face when entering the Federal University of Mato Grosso do Sul, Aquidauana campus. To this end, we report on our experience, as academics on the Pedagogy course, we portray our daily lives, the difficulties encountered in going to college, which are many: dirt road, no asphalt, lots of sand and dust along the way, bus that breaks down on the way there or back, times when students have to wait for someone to help them and get home. We also present the quota system, which helps us a lot, because after all, we have some expenses. We concluded that the challenges and difficulties faced are practically the same, a lot of time away from home, children waiting at relatives' houses and what makes us persist is that we recognize that we are on the right path. Let's give back to our community with our acquired knowledge.

Key words: Indigenous Woman. University. Experience Report.

INTRODUÇÃO

É importante ressaltar que a presença de mulheres indígenas nas universidades ainda é uma realidade pouco comum no Brasil, pois segundo dados do Censo da Educação Superior de 2019, apenas 0,5% dos estudantes indígenas matriculados em cursos de graduação são mulheres. No caso da cidade de Aquidauana, Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, a realidade é um pouco diferenciada, pois o curso de Pedagogia, que funciona a tarde, das 13:15 às 17:25, em torno de 40% das acadêmicas vem de aldeias próximas a cidade, onde existe um convênio com a Prefeitura Municipal de Aquidauana, que trás essas acadêmicas até a Universidade, em ônibus fretados, pagos pela prefeitura.

Graças as políticas públicas que buscam garantir o acesso e a permanência de indígenas na educação superior. Em 2012, foi criada a Lei de Cotas para os povos indígenas, que reserva 5% das vagas em Instituições Federais de Ensino para essas populações. Além disso, muitas universidades têm adotado políticas de ações afirmativas para ampliar o acesso de indígenas aos cursos de graduação.

No caso específico da mulher indígena aquidauanense, é importante destacar a importância do papel que elas exercem na defesa dos direitos dos povos indígenas. Muitas dessas mulheres são lideranças em suas comunidades, e têm se destacado também na defesa da preservação da cultura e dos saberes tradicionais.

A cidade de Aquidauana, localizada no estado de Mato Grosso do Sul, está situada na Mesorregião dos Pantanaís Sul-Mato-Grossenses e na Microrregião de Aquidauana. Aquidauana é conhecida como a “Cidade Natureza”, devido à sua rica variedade de flora e fauna. Ela oferece muitas atrações, incluindo vistas panorâmicas da planície a partir da serra de Piraputanga e Maracaju.

Aquidauana tem sido uma mãe para várias etnias indígenas, sendo aos nascidos na cidade, como também para com aqueles que vem de fora em busca de novas oportunidades. A diversidade étnica é uma das características mais importantes da sociedade brasileira, e a universidade deve refletir essa diversidade. A convivência com estudantes de diferentes etnias indígenas pode ajudar a promover o respeito e a compreensão das diferenças culturais, bem como a combater o preconceito e a discriminação.

Em suma, a presença da mulher indígena aquidauanense na universidade é um importante passo para a valorização da diversidade e para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, mas ainda há muito a ser feito para garantir que essas mulheres tenham acesso pleno à educação e possam contribuir de forma significativa para o desenvolvimento do país.

2.COTAS PARA OS POVOS INDÍGENAS

De acordo com o site do MEC, a Lei nº 12.711/2012, sancionada em agosto deste ano, garante a reserva de 50% das matrículas por curso e turno nas 59 universidades federais e 38 institutos federais de educação, ciência e tecnologia a alunos oriundos integralmente do ensino médio público, em cursos regulares ou da educação de jovens e adultos. Os demais 50% das vagas permanecem para ampla concorrência.

Segundo o site a Lei de cotas foi promulgada pelo Decreto nº 7.824/2012, que define as condições gerais de reservas de vagas, estabelece a sistemática de acompanhamento das reservas de vagas e a regra de transição para as instituições federais de educação superior. Há, também, a Portaria Normativa nº 18/2012, do Ministério da Educação, que estabelece os conceitos básicos para aplicação da lei, prevê as modalidades das reservas de vagas e as fórmulas para cálculo, fixa as condições para

concorrer às vagas reservadas e estabelece a sistemática de preenchimento das vagas reservadas.

O site do MEC, explica que as vagas reservadas às cotas (50% do total de vagas da instituição) serão subdivididas — metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar bruta igual ou inferior a um salário mínimo e meio per capita e metade para estudantes de escolas públicas com renda familiar superior a um salário mínimo e meio. Em ambos os casos, também será levado em conta percentual mínimo correspondente ao da soma de pretos, pardos e indígenas no estado, de acordo com o último censo demográfico do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE). As vagas deverão ser reservadas gradualmente. Em 2013 terão de ser reservadas, pelo menos, 12,5% do número de vagas ofertadas atualmente. A implantação das cotas ocorrerá de forma progressiva ao longo dos próximos quatro anos, até chegar à metade da oferta total do ensino público superior federal.

As cotas para os povos indígenas são uma das formas de tentar corrigir as desigualdades históricas sofridas por essas populações, que muitas vezes têm seus direitos negados e sofrem com a discriminação e o preconceito. No entanto, é importante lembrar que as cotas por si só não são suficientes para resolver todos os problemas enfrentados pelos povos indígenas.

Algumas críticas construtivas em relação às cotas para os povos indígenas incluem a necessidade de garantir que essas políticas sejam efetivas e alcancem aqueles que realmente precisam, bem como a importância de investir em outras áreas, como a saúde, a educação e a proteção do meio ambiente, que são fundamentais para garantir a qualidade de vida e a sobrevivência dos povos indígenas.

Além disso, é importante lembrar que as cotas não devem ser vistas como uma forma de "favor" ou "privilégio", mas sim como uma forma de corrigir as desigualdades históricas e promover a justiça social. É fundamental que as políticas voltadas para os povos indígenas sejam desenvolvidas com a participação dessas populações e respeitem suas culturas, tradições e formas de organização social.

No entanto, outras lideranças indígenas são críticas em relação às cotas. Eles argumentam que as cotas são um paliativo e não abordam as questões estruturais que afetam os povos indígenas, como a falta de demarcação de terras, a violência e a discriminação. Além disso, algumas lideranças indígenas acreditam que as cotas podem ser usadas como uma forma de cooptação pelo Estado, em vez de realmente ajudar a fortalecer as comunidades indígenas.

É importante lembrar que as opiniões das lideranças indígenas podem variar amplamente dentro e entre : comunidade tem sua própria história, tradições e desafios específicos, portanto, é essencial que as políticas públicas voltadas para os povos indígenas sejam desenvolvidas em consulta e cooperação com as lideranças indígenas e suas comunidades, respeitando suas necessidades e perspectivas únicas.

As dificuldades encontradas para ir até a faculdade, são muitas: estrada de chão, sem asfalto, muita areia e poeira pelo caminho, abaixo uma foto do ônibus em um dos momentos em que ele se encontrava quebrado, momentos em que os acadêmicos tem que aguardar alguém para ir auxiliar e chegar em casa. O horário de saída das aldeias é normalmente as 12:00 horas, e o retorno é as 17:00, quando reúne todos os acadêmicos e sai para a aldeia, onde chegamos em casa normalmente 18:30 horas. As aldeias mais distantes, o horário é diferente, saindo as 11:00 das aldeias e retornando as 18:00 horas, com os mesmos problemas de poeira pelo caminho, mas com partes asfaltadas, chegando em casa normalmente as 19:30, quando não tem nenhum problema. Quando acontece alguma eventualidade podem chegar até de madrugada em suas residências.

Imagem 1: Ônibus que atende a aldeia



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

As cotas podem ser uma medida importante para tentar corrigir as desigualdades históricas e promover a inclusão dessas populações na sociedade, mas é fundamental que essas políticas sejam desenvolvidas de forma efetiva e respeitando as particularidades de cada grupo.

Segundo o site do MEC, as universidades que já têm programas de cotas podem manter as iniciativas já existentes, desde que as exigências da lei, ou seja, 12,5% das vagas, sejam implementadas conforme o Congresso Nacional estabeleceu. Então, no mínimo, esses 12,5% têm que corresponder integralmente aos critérios da lei. A partir desse 12,5%, podem ser criados critérios adicionais. A Lei de Cotas determina o mínimo de aplicação das vagas, mas as universidades federais têm autonomia para, por meio de políticas específicas de ações afirmativas, instituir reservas de vagas suplementares.

A convivência com estudantes de diferentes etnias indígenas pode proporcionar uma oportunidade única de aprendizado. Os estudantes podem aprender sobre a cultura, tradições e formas de conhecimento de diferentes etnias, o que pode enriquecer sua

experiência acadêmica, por exemplo, podem aprender sobre a medicina tradicional indígena, a produção de artesanato ambiental.

Imagem 2: Entrada da Aldeia Limão Verde



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Acima uma foto da entrada da nossa aldeia, Aldeia Limão Verde, desse local saímos todos os dias para enfrentar a estrada de chão que nos conduz ao saber. Voltamos todos os dias felizes.

3.MULHERES INDÍGENAS: PRESERVAÇÃO DA CULTURA E DOS SABERES TRADICIONAIS

Colocamos uma foto nossa caracterizada, para representar todas as acadêmicas indígenas que também estudam e preservam a cultura e os saberes tradicionais.

Imagem 3: Acadêmica Jeane do Curso de Pedagogia, UFMS/CPAQ



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

As mulheres indígenas têm um papel fundamental na preservação da cultura e dos saberes tradicionais, contribuindo de diversas formas. Por exemplo, elas são responsáveis por transmitir conhecimentos para as gerações mais jovens, como a utilização de plantas medicinais e técnicas de agricultura sustentável.

Além disso, muitas mulheres indígenas são líderes comunitárias e trabalham para proteger seus territórios e recursos naturais.

As mulheres indígenas têm um conhecimento profundo sobre a biodiversidade e os ecossistemas em que vivem, e muitas vezes trabalham para proteger esses recursos naturais, por exemplo, as mulheres indígenas da região amazônica têm um papel importante na preservação da floresta e das espécies que nela habitam.

Imagem 4: Acadêmica Samara do Curso de Pedagogia, UFMS/CPAQ



Fonte: Arquivo pessoal, 2024

Um exemplo de liderança feminina indígena é a guerreira indígena brasileira Sônia Guajajara, que é uma das lideranças do Movimento dos Povos Indígenas do Brasil (APIB) e luta pela preservação da cultura e dos direitos dos povos indígenas. Outra liderança importante é Berta Cáceres, ativista e defensora dos direitos humanos e dos povos indígenas em Honduras.

Mulheres indígenas aquidauanenses têm buscado cada vez mais a educação, tanto na educação básica quanto no ensino superior. Elas estão quebrando barreiras e promovendo a inclusão de pessoas indígenas em espaços acadêmicos, criando e gerenciando negócios em suas comunidades, contribuindo para o desenvolvimento local e para a geração de renda.

Em resumo, elas têm uma contribuição valiosa na preservação da cultura e dos saberes tradicionais, na promoção e fortalecimento dos movimentos indígenas. Seu conhecimento e liderança são fundamentais para garantir a sobrevivência das comunidades indígenas e a preservação da diversidade cultural e ambiental.

4.ENTREVISTAS

Como forma de ouvir outras acadêmicas que passam pela mesma situação nossa na UFMS, com tantas dificuldades nas idas e vindas, resolvemos conversar e fazer algumas questões a nossas irmãs mulheres indígenas. As acadêmicas são da UFMS, Unidade 2, do Campus de Aquidauana. Não iremos citar os nomes, apenas acadêmica A, B e assim por diante. Os questionamentos se basearam no “ponto de vista” da mulher indígena na universidade.

1. Quais são os principais desafios que as mulheres indígenas enfrentam ao ingressar na universidade?

Acadêmica A: A mulher indígena enfrenta muitos fatores que dificultam a ingressar na universidade como, por exemplo, deixar os filhos, o lar tanto na locomoção, também entre outras coisas que impedem.

Acadêmica B: Os maiores desafios são o preconceito que mulheres indígenas sofrem em uma universidade, geralmente algumas não têm informações como ingressar em uma universidade, desafios do dia a dia, serviços de casa, cuidar dos filhos.

Acadêmica C: Acredito eu, que são vários os desafios, mas uma que está mais presente, é o fato de muitas das vezes as mulheres indígenas serem deixadas de lado em algumas situações.

Acadêmica D: Quando se trata de vida acadêmica, vem uma exigência grande de dedicação aos trabalhos, provas, estudos do curso. E com isso muda totalmente a vida da mulher, que tem uma vida dedica a sua família, filhos e o cuidado com sua casa. E ao ingressar a universidade vem um peso maior, onde faz com que o cansaço se torne maior.

Acadêmica E: A saída de casa deixar seus afazeres domésticos para atender aos estudos, preconceito, a cultura, língua, vestimentas, etc...

Acadêmica F: São os principais desafios enfrentados é deixar os filhos para poder estudar, ter tempo para estudar por causa do serviço de casa.

Acadêmica G: O principal desafio entre muitos, eu vejo q o maior desafio enfrentado por nós mulheres é o preconceito por sermos mulher e ainda indígenas.

Acadêmica H: Desafios: Ficar longos períodos fora da Aldeia, em uma cultura diferente, modos e costumes diferente. Dificuldade financeira, pois, diferente da Aldeia, na cidade tudo se paga, água, luz, aluguel de casas, entre outros.

2. Como a universidade pode apoiar as mulheres indígenas e ajudá-las a ter sucesso acadêmico?

Acadêmica A: Acredito que pelo incentivo, palestras sobre incentivo, muitas mulheres não tem estímulo que possa a apoiar nessa caminhada acadêmica.

Acadêmica B: A universidade pode ajudar com as bolsas para indígenas, com acesso a Internet na universidade, empréstimos de computadores para realizar os trabalhos, ter acesso a biblioteca, todos que citei ajuda muito as mulheres indígenas nos estudos, para ter um bom aprendizado, durante que estão na universidade.

Acadêmica C: Criação de projetos que possam ser desenvolvidos especialmente para as mulheres indígenas, fazendo com que ela tenha voz e seja uma mulher ativa.

Acadêmica D: Favorecendo a vida da mulher, mostrando incentivo as mulheres, oferecendo bolsas, estudos entre outros.

Acadêmica E: Dando mais atenção as necessidades dos universitários indígenas e fazendo valer os direitos de cada um de buscar novos conhecimentos.

Acadêmica F: Buscar novos métodos para desenvolver os trabalhos acadêmicos por meio de ferramentas de alcance do acadêmico

Acadêmica G: A universidade poderia apoiar e criar um grupo de pessoas que possam ajudar nesse período de adaptação dentro da universidade.

Acadêmica H: Projetos de inclusão, projeto social, de acolhimento, uma coisa que falta, amostra cultural, exemplo de exposição e feiras, esse espaço na universidade é muito importante pois é o momento de demonstrar nossa arte, cultura e até comercializar artesanatos feito por nós mesmo, isso gera lucro e ajuda financeira aos acadêmicos.

3. Quais são as barreiras culturais que as mulheres indígenas enfrentam ao ingressar na universidade?

Acadêmica A: A fala, muitas não sabem se expressar por falar a Língua indígena, e vivenciam uma reat

Acadêmica B: Pelas mulheres serem indígenas, falar seu idioma, ter seus costumes, hábitos, a cultura da mulher indígena.

Acadêmica C: Acredito que não tenha.

Acadêmica D: O preconceito ao dizer sua origem, e dificuldades para fazer amizades com pessoas não indígenas.

Acadêmica E: O preconceito com a cultura, o modo de falar, modo de vestir.

Acadêmica F: São a dificuldade de falar em público e de interagir com outras pessoas

Acadêmica G: A forma de se expressar, pois o povo indígena tem a sua própria língua materna.

Acadêmica H: Barreira cultural, temos modos de vivência diferentes, algumas encontram dificuldade na língua, dificuldade de se expressar, muitas vezes com isso sofremos preconceito em alguns casos até no jeito de nos vestir, a pintura corporal e uso de adornos dentro da Universidade, causa uma repercussão tanto positiva como negativa

4. Como as mulheres indígenas podem contribuir para a diversidade e inclusão na universidade?

Acadêmica A: Acredito que possamos contribuir para a diversificação de cultura, mostrar nossos costumes, artesanato etc...

Acadêmica B: Contribuir com seu conhecimento, sua cultura e a força de vencer cada obstáculo, conseguir alcançar seu objetivo e poder terminar seus estudos na graduação, contribuir em temas colocados sobre a mulher indígena na universidade, mostrar a vivência e o respeito da nossa cultura, das batalhas das mulheres indígenas.

Acadêmica C: Mostrando e compartilhando as culturas em que cada uma delas são pertencentes.

Acadêmica D: - Apresentado formas culturais, linguagens, artes. Levando mais conhecimento para universidade.

Acadêmica E: Aplicando seus conhecimentos tradicionais

Acadêmica F: Com seus conhecimentos e sua diversidade da sua cultura de cada etnia.

Acadêmica G: Nós com certeza podemos fazer a diferença na universidade, respeitando uns aos outros e também contribuindo para que sejamos respeitadas.

Acadêmica H: Não respondeu

5. Quais são as experiências positivas que as mulheres indígenas têm ao frequentar a universidade?

Acadêmica A: É muito gratificante a gente aprender e evoluir como mulher indígena e tanto profissionalmente contribuindo com a nossa comunidade.

Acadêmica B: Experiência positiva ao ingressar em uma universidade, poder buscar mais conhecimentos, experiências novas e poder ajudar minha comunidade, incentivar nossas crianças, jovens e adultos nos estudos e ingressar em uma universidade, para buscar seus conhecimentos e oportunidades de trabalho.

Acadêmica C: Podem sair muito mais autênticas e com pensamentos abertos sobre quaisquer que sejam as barreiras que estiverem ao seu caminho.

Acadêmica D: Novas aprendizados, e com isso mulheres obtém um conhecimento a mais para si.

Acadêmica E: A busca do conhecimento de uma profissão assim contribuindo para a sua comunidade aplicando na prática

Acadêmica F: Ter a alta confiança em si mesma onde são adquiridos no dia a dia acadêmico.

Acadêmica G: O conhecimento que é adquirido dentro da universidade é uma das coisas positivas.

Acadêmica H: Não respondeu.

6. Como as mulheres indígenas podem usar sua educação para fortalecer suas comunidades e promover mudanças positivas em sua cultura?

Acadêmica A: Nós indígenas sabemos o que precisa ser melhorado na nossa comunidade, sabemos o jeito, costumes e podemos contribuir ajudando ter melhor entendimento para aquelas mulheres que não sabem falar português.

Acadêmica B: Podemos usar a educação como um ponto favorável no incentivo à importância dos estudos da nossa origem, para manter sempre viva a nossa cultura, através de projetos juntamente com a escola e comunidade.

Acadêmica C: Através de parcerias e com a força de querer buscar o melhor para sua comunidade, fazendo assim, que possa levar coisas mais produtivas e positivas para a comunidade em si.

Acadêmica D: Através do conhecimento da universidade, e traz o aprendizado e torna rica a visão para comuni

Acadêmica E: Exercendo os conhecimentos adquirido a sua comunidade.

Acadêmica F: 6: Levar os conhecimentos adquiridos para a comunidade e sua família desenvolvendo o conhecimento e saberes que são oferecidos na Universidade.

Acadêmica G: 6. Estudando e voltando para sua comunidade, para poder ajudar na educação de todos.

Acadêmica H: Não respondeu.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todas as entrevistas e experiências pessoais no ir e vir da aldeia para a Universidade, verificamos que as dificuldades pelas quais passamos, não são apenas nossa, mas de todas as acadêmicas que lutam e persistem para ter uma formação.

Em sua maioria, todas querem levar seus conhecimentos para a sua comunidade, afinal somos Terena, mas de várias aldeias esparramadas na região. Somos a maior população do estado e nos orgulhamos disso. Somos pedagogas, biólogas, advogadas, historiadoras, dentistas, advogadas, médicas, etc. e aos poucos vamos fazendo a diferença em nossa região, pois na grande maioria voltamos a nossa comunidade.

Estamos superando as dificuldades, realmente ficar muito tempo longe de casa, dos filhos, contando com a ajuda de nossos parentes para finalmente finalizar nossos estudos, é o maior desafio que enfrentamos. Mas conseguimos! Estamos na luta!

REFERÊNCIAS

ALTENFELDER, Fernando Silva. **Mudança cultural dos Terêna**. In: Revista do Museu Paulista. [s.n]. São Paulo: vol. III, 1949.

BRASIL_Gov.Br. Resultados do **Censo da Educação Superior** 2020 disponíveis. Disponível em: Resultados do Censo da Educação Superior 2020 disponíveis — Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira | Inep (www.gov.br) Acesso em: 15/10/2023.

LADEIRA, M. E. & BITTENCOURT, C. M. **A História do povo Terena**. São Paulo: Mec-Sef-Sup: Centro de Trabalho Indigenista. 2000.

LADEIRA, Maria Elisa. **Língua e história: análise sociolinguística em um grupo Terena**. São Paulo, 2001. 166 fls. (Tese de Doutorado em Semiótica e Linguística

Geral) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo: USP, 2001.